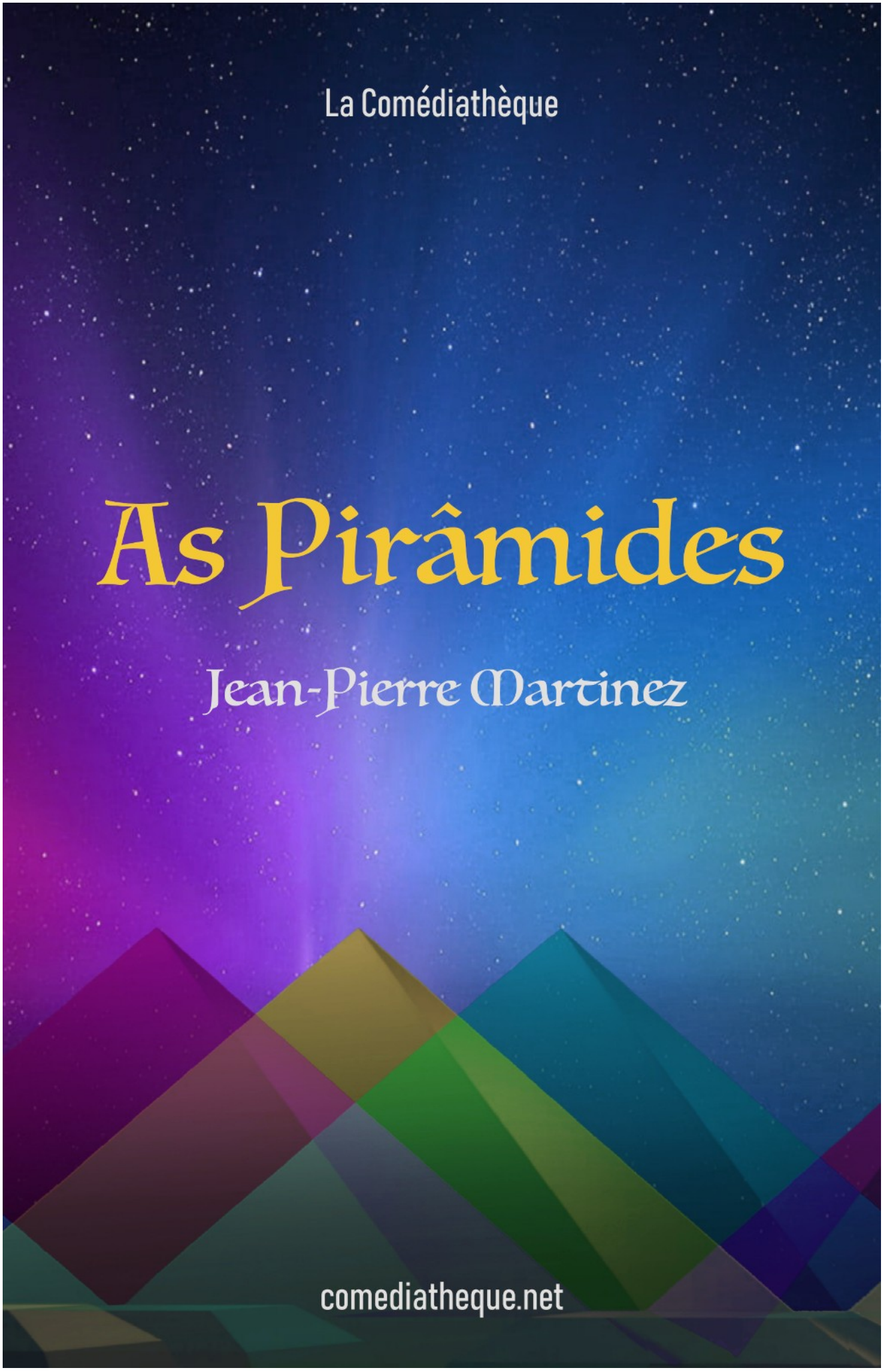
La Comédiathèque

As Pirâmides

Jean-Pierre Martinez



comediatheque.net

Este texto pode ser lido e descarregado gratuitamente. Qualquer representação pública, profissional ou amadora, mesmo gratuita, requer autorização prévia e o pagamento dos respetivos direitos de autor. Solicitar autorização: https://jeanpierremartinez.net/pt/contato/

As Pirâmides

Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Num lugar fechado e misterioso, que tanto poderia ser um manicómio como o teatro do mundo, estão retidos alguns párias que perderam a fé. Não apenas a fé em Deus, mas também a confiança nos princípios em que assenta a nossa sociedade. E se o próprio criador deixasse de acreditar na sua criação? É urgente devolver a convicção a estes descrentes antes que o seu ceticismo contagioso provoque o desmoronamento de todo o sistema...

Personagens

Diretor

Assistente

Autor

Atriz

As personagens desta peça simbolista são arquétipos, pelo que o seu sexo não é determinante. Os géneros aqui indicados são meramente orientativos e podem ser alterados de acordo com as opções artísticas e as possibilidades de elenco de cada companhia.

© La Comédiathèque

Um átrio impessoal, com um balcão de receção ao centro. Por cima, um quadro representa um homem de longa barba branca, que tanto pode ser Deus Pai como o Pai Natal. A Assistente, de uniforme militar, está de pé atrás do balcão a consultar um ecrã. Entra o Diretor, vestido com uma espécie de batina. Nem os figurinos nem o cenário nem o quadro têm de ser realistas, já que a peça é essencialmente simbolista. O espaço pode ser futurista e evocar um lugar de culto, com o balcão a servir de altar e os espectadores como fiéis reunidos para esta estranha cerimónia. A música ajudará a criar uma atmosfera fantástica, com um toque burlesco.

Diretor – «Procurai e achareis»... Pois sim. Procurei por toda a parte e nem sinal dele...

Assistente – Também não aparece nas câmaras de vigilância.

Diretor – E, no entanto, está mesmo em falta.

Assistente – Acha que pode ter saltado o muro?

Diretor – O muro? Quer dizer as muralhas?

Assistente – Tem razão... Sempre nos disseram que não havia nada para lá das muralhas.

Diretor – É de perguntar para que servem, então...

Assistente – E de quem nos devem proteger.

Diretor – Contra quem... ou contra o quê?

Assistente – Contra o quê?

Diretor – Estas muralhas são para impedir uma invasão... ou uma fuga?

Assistente – Talvez as duas coisas.

Diretor – Enfim, é preciso traçar fronteiras.

Assistente – E estabelecer proibições.

Diretor – Como se costuma dizer: há limites para tudo. Mas, uma vez ultrapassados, já não há limites...

Assistente – Às vezes também me sinto fechada dentro de mim, como num túmulo rodeado por uma muralha invisível. Cá dentro sou todo-poderosa. Lá fora não sou nada...

Diretor – Nunca tinha pensado nisso assim, mas tem razão... Estamos todos emparedados vivos numa pirâmide, a avançar às apalpadelas por um labirinto escuro, à procura de uma fenda por onde entre alguma luz.

Assistente – Cada um de nós é o deus do seu próprio mundo. E, através dessas estreitas seteiras a que chamamos olhos, contemplamos uma infinidade de universos mais ou menos hostis. Até chocarmos por acaso com outro planeta... ou acabarmos engolidos por um buraco negro.

Diretor – Está bem... Mas continuamos sem saber para onde foi.

Assistente – Se estas muralhas são intransponíveis, como é possível que ele já cá não esteja?

Diretor – Se sempre esteve aqui, não pode ter saído.

Assistente – E, se nem sempre esteve aqui, como conseguiu entrar?

Diretor – E, no entanto, é um facto: falta uma peça neste gigantesco tabuleiro de xadrez. E a sua ausência pode deitar toda a partida a perder.

Assistente – Uma peça?

Diretor – Uma peça fundamental.

Assistente – O rei.

Diretor – O grande arquiteto do Universo. Aquele que desenhou os planos.

Assistente – Basta faltar um único ser supremo para tudo ficar às avessas...

Diretor – Mas ele esteve aqui! Foi ele que construiu o muro!

Assistente – Tem a certeza de que foi ele?

Diretor – Ou então construiu o muro e acabou preso do lado de lá.

Assistente – Trancado... do lado de fora?

Diretor – Tem razão, isto é uma história de loucos...

Assistente – Então pode haver alguma coisa do outro lado do muro? Alguém?

Diretor – Como havemos de saber? Não há uma única janela nestas muralhas, que supostamente nos protegem do nada que ameaça invadir-nos.

Assistente – Nem uma abertura. Nem sequer um postigo...

Diretor – Ora essa... Para lá não há nada. O mundo é como uma meia velha: por mais voltas que lhe dê, só há uma maneira de enfiar lá o pé.

Assistente – Sim... Mas, se a meia estiver furada, um dedo pode sempre espreitar cá para fora.

Diretor – Uma brecha na muralha...? Por onde o vazio se poderia infiltrar?

Assistente – Falta saber quem tricotou a meia...

Uma pausa.

Diretor – Há de aparecer outra vez, como de costume.

Assistente – Até agora apareceu sempre.

Diretor – Só nos resta esperar.

Assistente – E rezar... Mas a quem?

Diretor – Vá, temos de acreditar...

Não parecem ter grande fé nisso, mas esforçam-se por se convencer.

Assistente – Já não me lembro... O que fazia ele aqui, exatamente?

Diretor – O mesmo que os outros, suponho. Uma crise...

Assistente – De abstinência? É que os escritores têm fama de beber...

Diretor – Não, uma crise de fé. Deixou de acreditar em tudo.

Assistente – Ah, de fé! E eu já a pensar num tratamento de desintoxicação... *(Uma pausa.)* Espero que não seja contagiosa.

Diretor – Acredite: é mais fácil deixar de beber do que voltar a acreditar.

Assistente – A fé é como a linha: depois de a perdermos, custa muito recuperá-la.

Diretor – Que grande verdade! E tão bem dita... Às vezes pergunto-me onde vai buscar estas ideias.

A Assistente olha para o Diretor, sem perceber se se trata de um elogio ou de sarcasmo.

Assistente – Portanto... era um dos nossos internos.

Diretor – Ou um membro da instituição, já nem sei. *(Preocupado.)* Talvez um administrador. Ou até o diretor...

Assistente – O diretor? Pensei que fosse o senhor!

Diretor – Sou apenas o diretor interino.

Assistente – Ah... Bem me parecia.

Agora é ele que a observa, sem saber como interpretar o comentário.

Diretor – Seja como for, é o autor...

Assistente – Pois... Que contrariedade. E que aspeto tem ele, afinal?

Diretor – Não sabemos ao certo. Há tanto tempo que ninguém o vê... Nos retratos-robô aparece de barba comprida.

Assistente – Retratos-robô? Refere-se, por exemplo, àquele enorme quadro no átrio?

Ambos contemplam o quadro.

Diretor – Embora a barba possa ser postiça.

Assistente – Ou o próprio quadro pode ser falso.

Diretor – Um barbudo falso num quadro falso...

Assistente – Não ajuda muito...

Diretor – E, depois de tantos anos, pode tê-la cortado.

Assistente – Cortado...?

Diretor – A barba postiça!

Assistente – Com uma tesoura de brincar...

Diretor – Não vai ser fácil reconhecê-lo.

Assistente – Não...

Diretor – Imagine o Pai Natal sem barba... verdadeira ou postiça. Reconhecia-o?

Assistente – Mas o Pai Natal não existe, pois não?

Diretor – Claro que não.

Uma pausa.

Assistente – Já procurou nos dois lados do palco? E no jardim?

Diretor – No jardim só vi anões...

Assistente – Hoje em dia prefere-se dizer «pessoas de baixa estatura»...

Diretor – Nesse caso, só vi... pessoas de baixa estatura de jardim.

Assistente – Quer dizer anões de jardim?

Diretor – Vou procurar do outro lado do palco. Se não o encontrar, teremos de tomar medidas mais drásticas...

Sai por um dos lados do palco. A Assistente volta a olhar para o ecrã. Entra o Autor, sem barba, de calções e camisa florida. Não traz sapatos: um pé está descalço e o outro tem uma meia furada. Vagueia pelo átrio, desorientado, até que a Assistente repara nele.

Assistente – O senhor precisa de ajuda?

Autor – Já não sei em que dia estamos... Que dia é hoje, exatamente?

Assistente – Exatamente? Hoje é domingo, senhor. Domingo, sem tirar nem pôr.

Autor – Domingo...? Tem a certeza?

Assistente – Bem... Ontem também era domingo, não era?

Autor – Mas então hoje seria...

Assistente – Nesta respeitável instituição, senhor, é domingo todos os dias...

Autor – Ah, sim... *(Para si.)* Deve ser uma seca descomunal.

O Autor olha à sua volta, perplexo.

Assistente – Procura alguma coisa? Ou alguém?

Autor – Na verdade... já nem sei muito bem.

Assistente – Já não sabe o que procura?

Autor – Nem sequer sei quem sou! A senhora sabe?

Assistente – Não... Devia saber?

Autor – Então não devo ser famoso.

Assistente – Isso não sei...

Autor – Se fosse famoso, reconhecia-me, não?

Assistente – Há pessoas famosas de quem ninguém conhece a cara.

Autor – A sério? Quem, por exemplo?

Assistente – Sei lá... Jesus Cristo, Napoleão, Jean-Pierre Martinez...

Autor – Napoleão?

Assistente – Se passasse por Napoleão na rua, reconhecia-o?

Autor – Provavelmente não...

Assistente – E de Jesus Cristo só temos uma fotografia de época: o Santo Sudário. E a imagem está bastante desfocada...

Autor – Martinez, disse? Esse nome diz-me qualquer coisa.

Assistente – Talvez eu conheça o seu.

Autor – O meu...?

Assistente – O seu nome! Tem um documento de identificação?

Autor – Um documento de identificação? Para quê? Para nos lembrarmos de quem somos?

Assistente – Sobretudo para provar aos outros que temos direito a existir.

Autor – Então, sem cartão não há identidade? Nem direito a existir?

Assistente *(subitamente autoritária)* – Os seus documentos, por favor.

Ele procura nos bolsos e tira um cartão de visita.

Autor – Tenho isto...

Assistente – Deixe-me ver... *(Examina o cartão.)* Isto é um cartão de visita...

Autor – Um cartão de visita... E para que serve?

Assistente – Para provar que, além de existir, não é uma pessoa qualquer.

Autor – Então devo ser alguém importante...

Assistente – Depende do que está escrito no cartão. *(Examina-o.)* Ah... Estou a ver...

Autor – A ver o quê?

Assistente *(lendo)* – Deus... Então é o senhor!

Autor – Eu?

Assistente – Andávamos à sua procura por toda a parte.

Autor – A sério?

Assistente – Apanhámos um susto. Pensávamos que tinha desaparecido de vez...

Autor – Agora é a senhora que me está a assustar. Deus? Tem a certeza?

Assistente – Pelo menos é o que diz o seu cartão...

A Assistente devolve-lhe o cartão de visita.

Autor – Normalmente, são os loucos que se julgam Deus, não é?

Assistente – Um momento. O senhor julga que é Deus... ou é mesmo Deus?

Autor – Nem uma coisa nem outra, creio.

Assistente – Mas diz «Deus» no seu cartão de visita.

Autor – Talvez seja apenas o meu nome.

Assistente – O seu nome?

Autor – O meu apelido! É a senhora que me está a tomar por Deus. Afinal, quem é que é louco aqui?

Assistente – Ora, não seja tão modesto... Se isto fosse um manicómio, o senhor seria o diretor, garanto-lhe.

Autor – Não sei se isso me tranquiliza...

O Diretor regressa.

Diretor – Também não estava do outro lado do palco... Só vi uns quantos fantasmas de escritores. E aqui?

Assistente – Já está! Encontrei-o!

Diretor – A sério? É o senhor? Estávamos a ficar preocupados! Procurámo-lo por toda a parte!

Autor – Cá estou eu, não se preocupem... Mas às vezes tenho falhas de memória. Aliás, onde estamos exatamente?

Diretor – Onde? Ora essa... Já não se lembra?

Autor – De quê?

Diretor – Ao menos lembra-se de quem é?

Autor – Não.

Assistente – Mas o senhor é um autor muito famoso!

Autor – Um autor?

Diretor – Um dramaturgo! Que digo eu... Um demiurgo!

Assistente – Se estamos todos aqui, é graças ao senhor!

Diretor – E estamos todos ao seu serviço.

Autor – Famoso...? Quer dizer que toda a gente me conhece e eu nem sequer me conheço a mim próprio?

Assistente – Se o conhecem? Prestam-lhe culto! É o ídolo deles! O Deus deles!

Autor – Não me lembro de nada.

Diretor – Acredite, ninguém se esqueceu do senhor.

Autor – Pois eu às vezes esqueço-me de mim...

Assistente *(à parte, para o Diretor)* – Realmente, já não parece acreditar em nada.

Diretor – «Conhece-te a ti mesmo e conhecerás o universo e os deuses»... Pois, pois.

Assistente – Se nem Deus se conhece a si próprio...

Diretor – Eu avisei... Uma crise de fé.

Assistente – É triste.

Diretor – E sobretudo perigoso.

Assistente – Perigoso?

Diretor – Se foi ele que escreveu esta peça...

Assistente – Que peça?

Diretor – Esta! A peça que estamos a representar!

Assistente – Ele? Tem a certeza?

Diretor – Para dizer a verdade... Já não tenho a certeza de nada...

Assistente – Era o que receava... Deve ser contagioso...

Diretor *(ao Autor)* – Não se lembra de quem é, mas... há de lembrar-se de alguma coisa da peça, não?

Autor – A peça...

Assistente – Não é preciso saber o enredo todo nem cada uma das falas. Ao menos a ideia geral...

Autor – Há muito tempo que não tenho uma ideia para uma peça. Pensei em escrever as minhas memórias, mas...

Diretor – Pois... Um amnésico a escrever as próprias memórias...

Autor – Acham que se venderiam? Se dizem que eu era famoso...

Assistente – Publicar memórias quando já não se tem memória...?

Diretor – Alguém podia escrever a autobiografia por ele.

Assistente – Um escritor-fantasma?

Diretor – Por acaso, vi alguns fantasmas de escritores à procura de trabalho nos bastidores...

Assistente – Uma autobiografia escrita por um escritor-fantasma... Porque não?

Autor – A minha autobiografia? Gostava de a ler.

Diretor – Quem sabe se não lhe devolvia a memória...

Assistente – Encontrar um escritor-fantasma para contar a vida de um autor amnésico, na esperança de lhe devolver a memória...

Diretor – Para que ele nos possa dar o texto da peça que estamos a representar...

Assistente – Ainda vai demorar...

Diretor – Pois vai.

Assistente – E, entretanto... isto não vai descambar?

Diretor – Acha?

Assistente – Até o público perdeu a fé. Olhe!

O Diretor e a Assistente voltam-se para a plateia.

Diretor – Tem razão... Já nem eles acreditam no espetáculo.

Assistente – Até há dois ou três a cabecear. Como na missa de domingo.

Diretor – Por agora, quem estamos a perder é o autor...

Voltam-se para o Autor, que continua completamente desorientado.

Assistente – Meu Deus... Tem mais ar de sem-abrigo do que de divindade, não acha?

Diretor – Ou pior...

Assistente – Pior?

Diretor – Um estrangeiro sem documentos.

Assistente – Não está longe da verdade... Pedi-lhe os documentos e só tinha um cartão de visita.

Diretor – E se não for o verdadeiro autor, mas apenas mais uma personagem como nós?

Assistente – Uma personagem...?

Diretor – Uma personagem inventada por um autor! Mais um impostor! Se calhar só é Deus nesta peça... que ninguém escreveu ainda!

Assistente – Ah, sim, estou a ver... Quer dizer, não muito. Isto começa a ficar confuso...

Diretor – Vou levá-lo à biblioteca das recordações. Enquanto não recupera a memória, pode ler a biografia de outra pessoa. Talvez lhe dê inspiração.

Assistente – É que isto já começa a ser urgente...

Diretor – Venha comigo, meu caro. Vai ver que a vida de certas pessoas é muito mais interessante do que a do próprio Deus...

O Diretor sai com o Autor.

Entra a Atriz, uma mulher vestida de forma muito convencional, com uma mala na mão. Dirige-se ao balcão, atrás do qual está a Assistente.

Assistente – Bom dia, minha senhora. Julgo que não nos conhecemos... Está internada nesta instituição?

Atriz – Não.

Assistente – Vejo que traz uma mala... Vem para ser admitida, então?

Atriz – Por acaso não viu o meu gato?

Assistente – Um gato? Não, lamento. Aliás, aviso-a desde já: aqui não são admitidos animais.

Atriz – Não gosta de gatos?

Assistente – Eu não disse que não gostava de gatos. Disse que nesta instituição não são admitidos animais.

Atriz – Sabia que no antigo Egito os gatos eram considerados animais sagrados?

Assistente – Se o diz...

Atriz – Protegiam a casa contra os maus espíritos.

Assistente – Não sabia. Mas ainda hoje protegem as casas... dos ratos.

Atriz – Os gatos estavam associados a uma deusa com cabeça de felino. Era a deusa do prazer e da fertilidade.

Assistente – Seja como for, sou alérgica ao pelo dos gatos...

Atriz – Sempre desconfiei das pessoas que não gostam de animais...

Assistente – Eu também não gosto de velhos, mas nem por isso deixamos de os receber. Em que posso ajudá-la, minha senhora?

Atriz – Estou à procura do meu marido.

Assistente – Pensei que procurava o seu gato.

Atriz – Chame-me louca, já agora!

Assistente – Não me disse que estava à procura do seu gato?

Atriz – Sim.

Assistente – E imagino que o seu marido não seja um gato.

Atriz – Tudo seria muito mais simples, acredite.

Assistente – Mais fácil? Para quem?

Atriz – O meu marido está nesta instituição. Vim visitá-lo. Com o gato.

Assistente – Infelizmente, repito-lhe...

Atriz – Eu sei que não aceitam gatos. Li o regulamento antes de vir. Foi por isso que o meti na mala.

Assistente – Um gato numa mala?

Atriz – Cheguei aqui, abri a mala... e o gato tinha-se pirado.

Assistente – Mas, senhora, quem é o seu marido?

Atriz – É um autor de teatro.

Assistente – Ah, sim?

Atriz – Ultimamente tem tido problemas de memória. Da última vez que o vi estava um pouco deprimido. Até desiludido, diria. Já nem sequer se lembra de que é casado comigo.

Assistente – Veio, por assim dizer, refrescar-lhe a memória.

Atriz – A verdade é que... nem eu tenho a certeza absoluta.

Assistente – Não sabe se está casada com ele ou não?

Atriz – Sei que houve casamento. Já não me lembro é se foi numa igreja ou num palco.

Assistente – As igrejas parecem-se bastante com os teatros... Só que na igreja a peça é sempre a mesma e o espetáculo não é muito animado.

Atriz – Sou atriz, compreende? Já representei milhares de papéis. E, com a idade, começo a confundir realidade e ficção. O verdadeiro e o falso...

Assistente – Compreendo... Eu própria...

Atriz *(interrompendo-a)* – Quando era jovem protagonista, quase todas as peças em que entrava acabavam num casamento. Casei-me com centenas de homens ao longo da carreira. Sobretudo príncipes... Muitos militares... Alguns pastores... Três bombeiros... Dois informáticos... Um assassino em série... E até um padre!

Assistente – Sim, mas não sei se...

Atriz – Também já morri para aí umas cem vezes.

Assistente – Morreu?

Atriz – Por isso já não sei se aquele homem é de facto o meu marido. E, se for, pergunto-me se não será viúvo.

Assistente – Viúvo...?

A Atriz abre a mala. Está vazia.

Atriz – Do que tenho absoluta certeza é de que o gato já não está na mala...

Assistente – Posso confirmá-lo... Esta mala está tão vazia como o túmulo de Cristo antes da ressurreição.

O Diretor regressa.

Diretor – Dei-lhe a Bíblia para ler. Assim ficamos descansados durante algum tempo... Bom dia, minha senhora. Já estão a atendê-la?

Assistente – Esta senhora pensa ser a mulher do Autor.

Diretor – Olhe que surpresa... Não sabia que ele era casado. Mas diz que ela não tem a certeza... Embora traga uma aliança no dedo.

Atriz – Pode ser falsa.

Diretor – Falsa?

Atriz – Um adereço de teatro!

Assistente – Esta senhora é atriz... reformada.

Atriz – Fique a saber, menina, que uma atriz nunca está desempregada nem reformada. Está apenas à espera de uma proposta, daquelas que lhe darão o papel da sua vida.

Diretor – Tem toda a razão, minha senhora. O importante é acreditar. Senão, tudo se desmorona... *(À parte, para a Assistente.)* Arranje um camarim para esta velha doida, até recuperar o juízo e lhe encontrarmos um papel. Porque enquanto não tivermos o texto da peça...

Assistente – Pois é. O mundo é um gigantesco casting. Os atores fazem fila na receção para as audições. Os mais sortudos conseguem um papel principal. Outros, papéis secundários. Mas a maioria não passa de figurante...

Diretor – Isso se tivermos o argumento do filme.

Assistente – Pensei que fosse uma peça de teatro.

Diretor – Filme, peça de teatro... É uma metáfora! Estamos numa peça simbolista, não é? Não numa comédia de enganos... Acho eu.

Assistente – Minha cara Madalena, faça o favor de me acompanhar...

Atriz – Madalena? Mas eu não me chamo Madalena!

Assistente – Aqui, chamamos-lhe Madalena...

A Assistente sai com a Atriz.

Diretor – Curioso... Pareceu-me ver um gato há pouco, embora os animais sejam expressamente proibidos nesta instituição. *(Ao público.)* Sabem que no antigo Egito...? Ah, já devem ter ouvido falar disso, não é? A propósito... Se alguém aí tiver o texto da peça... Não...? Alguém que já cá tenha estado ontem...? Não, claro, também não vamos abusar. Mas, se se lembrarem, digam-me. *(Para si.)* Já não temos ponto e agora também não temos autor para escrever a peça... Onde ia eu? Ah, sim, nesta altura saio... Acho... Mas saio por que lado?

Sai.

Entra o Autor com um aparelho semelhante a um detetor de metais. Percorre cuidadosamente o chão. A Atriz entra atrás dele com um aparelho igual e faz o mesmo com toda a seriedade. Nenhum parece surpreendido com a presença do outro. Ignoram-se e continuam à procura até se encontrarem frente a frente.

Atriz – Ai, desculpe, não o tinha visto...

Autor – Ora essa, não faz mal.

Resignam-se a fazer uma pausa.

Atriz – Procura alguma coisa em especial?

Autor – Perdi a fé. E a senhora?

Atriz – Perdi o gato.

Autor – Ah, sim...

Atriz – E já encontrou?

Autor – O seu gato?

Atriz – A fé!

Autor – Infelizmente, não.

Atriz – Ah...

Autor – Encontrei uma meia.

Atriz – Uma meia...?

Autor – Uma meia furada.

Atriz – Já não é mau.

Autor – Se encontrar a outra...

Atriz – A outra...?

Autor – A outra meia!

Atriz – Ah, claro...

Uma pausa.

Autor – Alguma vez encontrou alguma coisa que valesse a pena?

Atriz – Uma tesoura, há uma semana.

Autor – Ah, sim? E que se faz com uma tesoura...?

Atriz – Cortei a barba. E o senhor?

Autor – Encontrei uma peça há pouco.

Atriz – Uma peça...? De teatro?

Autor – Não, uma moeda!

Atriz – Ah, está bem... É que sou atriz e ando precisamente à procura de um papel.

Autor – Não com um detetor de metais, suponho...

Atriz – Nunca se sabe... Pode ser um papel que valha ouro!

Trocam sorrisos um pouco forçados.

Autor – Então também nunca encontrou um tesouro.

Atriz – Não. E o senhor?

Autor – Tirando esta moeda...

Atriz – Deve ter fugido de um pé-de-meia.

Autor – Um pé-de-meia...?

Atriz – Da meia que encontrou! Se estava furada...

Uma pausa.

Autor – Às vezes pergunto-me se vale a pena insistir.

Atriz – Que havemos de fazer? Não temos escolha. Temos de continuar a acreditar, senão...

Autor – Senão, parece que fomos uns parvos por termos comprado estes aparelhos de treta.

Atriz – Tirando alguns iluminados, os crentes não veem Deus em vida. No entanto, todos esperam encontrá-lo depois de morrer.

Autor – Tem razão... É preciso manter a fé.

Atriz – E, quando a perdemos, temos de tentar recuperá-la.

Autor – Vou voltar à procura.

Atriz – Já procurou do lado de lá do palco?

Autor – E do lado de cá.

Atriz – Vamos confirmar. Nunca se sabe...

Recomeçam a busca e acabam por sair pelos bastidores.

A Assistente regressa. Espirra.

Assistente – Tenho a certeza de que anda um gato por aqui... Não paro de espirrar!

Sai.

O Diretor regressa e, não vendo ninguém, hesita.

Diretor – Ups... Acho que entrei cedo demais... Ou tarde demais... Desculpem...

Volta a sair.

O Autor e a Atriz regressam.

Autor – Hoje deve ser o meu dia de sorte. Encontrei um anel.

Atriz – Deixe ver... É de ouro?

Autor – Parece.

Atriz – Pode ser uma aliança.

Autor – Uma aliança?

Atriz – Parece.

Autor – Sua não é, porque já traz uma no dedo.

Atriz – Se calhar é sua.

Autor – Acha?

Atriz – O senhor não usa aliança.

Autor – É verdade.

Uma pausa. O Autor enfia o anel no dedo anelar da mão esquerda.

Atriz – Por acaso, não será o meu marido?

Autor – Por acaso?

Atriz – Nesse caso, o senhor não seria viúvo... e eu não estaria morta.

Autor – Quem sabe...

Atriz – Ou então estamos mortos os dois.

Autor – Sim...

Atriz – Como se chama?

Autor – Não sei.

Atriz – Tem um documento de identificação?

Autor – Tenho um cartão de visita.

Ele entrega-lhe o cartão.

Atriz *(lendo)* – Deus...

Autor – Se a senhora for minha mulher, isso faz de si uma deusa?

Atriz – Isso não me admiraria nada...

Ela pega-lhe no braço. Ele fica um pouco surpreendido. Saem de braço dado.

O Diretor regressa. Vira-se, aparentemente para ver sair o casal. A Assistente entra também.

Diretor – Ah, andava precisamente à sua procura...

Assistente – Quem eram aqueles dois?

Diretor – Não sei, mas parece que eles se encontraram um ao outro.

Assistente – Aquelas caras dizem-me qualquer coisa... Tinham um ar suspeito, não acha?

Diretor – Porque diz isso?

Assistente – Tinham cara de assassinos.

Diretor – Sabe... Há assassinos com cara de anjo.

Assistente – Sim, mas também há assassinos com cara de assassino...

Diretor – Prefiro acreditar que não tinham cara para aquele papel.

Assistente – Claro...

Diretor – Há atores secundários que passam a vida a fazer de assassinos em série, só porque têm cara de psicopatas. E são pessoas perfeitamente equilibradas, que nunca mataram ninguém.

Assistente – Às vezes, ter cara de assassino até ajuda a arranjar trabalho.

Diretor – Digamos apenas que tinham um ar pouco recomendável. Quando não sabemos e podemos escolher, é melhor acreditar na hipótese mais tranquilizadora.

Assistente – Tem razão. Já que não podemos fazer nada... Para quê ver o mal em todo o lado?

Diretor – Foi por isso que inventámos Deus, não foi? Preferimos acreditar que o nosso criador tem boas intenções para connosco.

Assistente – Mesmo que Deus seja, porventura, um perigoso psicopata.

Diretor – Isso não nos protege de nada, mas, enquanto tudo corre bem, sempre podemos rezar para que assim continue.

Assistente – E agradecer a Deus por não nos infligir os sofrimentos que impõe todos os dias à maior parte da humanidade.

Diretor – E, se um dia nos cair uma telha na cabeça, podemos sempre agradecer a Deus por não ter sido um bloco de cimento.

Assistente – Consolamo-nos como podemos... As crianças também têm um peluche ou um amigo imaginário.

Diretor – Desde que não o percam.

Assistente – A propósito, como está o nosso autor?

Diretor – Já acabou a Bíblia. Um pouco na diagonal, receio eu. Tenho a impressão de que o livro quase lhe caiu das mãos.

Assistente – É um belo calhamaço, realmente.

Diretor – Dei-lhe umas pancadas na cabeça com ele, para ver se entrava melhor. Mas continua sem se lembrar de nada. E também não parece muito inspirado.

Assistente – Sempre pensei que, se Deus pudesse ler a Bíblia, provavelmente a acharia uma grande seca...

Diretor – Seja como for, não lhe devolveu a fé...

Assistente – E quando Deus deixa de acreditar em si próprio...

Diretor – Quando o criador deixa de acreditar na sua criação...

Assistente – Quando o autor perde a inspiração...

Diretor – Quando os atores ficam sem o texto da peça...

Assistente – Quando o público começa a olhar para o relógio...

Diretor – E alguns já começam a adormecer...

Assistente – Estamos à beira do abismo!

Diretor – Não assenta todo o nosso mundo na crença?

Assistente – Veja-se o dinheiro. Entramos numa loja, enchemos o carrinho e, à saída, entregamos uns bocados de papel que supostamente valem tanto como tudo o que levamos.

Diretor – Chama-se moeda fiduciária.

Assistente – Porque o valor assenta na confiança.

Diretor – Na certeza de quem recebe as notas de que poderá voltar a trocá-las por mercadorias de valor equivalente.

Assistente – Também o crescimento económico depende da confiança.

Diretor – Compramos porque esperamos receber um aumento de ordenado. E recebemos o aumento porque as nossas compras fazem mexer a economia, o desemprego está baixo e falta mão de obra.

Assistente – São as chamadas profecias autorrealizáveis.

Diretor – Na Bolsa é igual. Compramos ações porque achamos que vão subir... E, ao comprá-las, fazemos subir as cotações.

Assistente – Quando as pessoas andam com o ânimo pelos tornozelos, a economia e a Bolsa ressentem-se.

Diretor – Sobretudo quando as meias estão furadas.

Assistente – Todo o sistema assenta na confiança.

Diretor – Basta que alguém deixe de acreditar para a corrente se quebrar e o sistema inteiro desabar.

Assistente – No casamento é a mesma coisa.

Diretor – É um contrato de confiança.

Assistente – Trocam-se votos diante de duas testemunhas.

Diretor – Diz-se um simples «sim».

Assistente – E pronto: uma condenação à monogamia até ao fim da vida.

Diretor – Mas homens e mulheres são como as meias. Não é fácil mantê-los aos pares depois de várias lavagens.

Assistente – E, no entanto, esperamos sempre que a meia desaparecida volte a aparecer.

Diretor – Mantemos a fé. Continuamos a pôr a máquina a trabalhar com meias órfãs.

Assistente – Até ao dia em que nos resignamos a andar com meias desemparelhadas.

Diretor – E acabamos por comprar um novo par... na esperança de que, desta vez, fiquem juntas para toda a vida.

Assistente – A vida é uma peça de teatro. Basta uma personagem deixar de acreditar e recusar representar o seu papel...

Diretor – Ou o encenador denunciar o absurdo da peça...

Assistente – Pior ainda, o próprio autor perder a fé...

Diretor – A ponto de se esquecer de escrever o texto...

Assistente – E tudo se desmorona.

Diretor – As personagens vagueiam como almas penadas... e o público deixa de acreditar.

Assistente – A prova de que um autor existe são as suas obras.

Diretor – Como a prova de que o Pai Natal existe são os presentes que nos traz.

Assistente – Enquanto toda a gente acreditar, não há problema...

Diretor – Mas Deus não nos traz presentes.

Assistente – Pelo menos, não a toda a gente.

Diretor – Deus é o Pai Natal sem presentes. E, mesmo assim, continuamos a venerá-lo, com medo de que venha confiscar os poucos presentes que recebemos indevidamente de um Pai Natal que não existe.

Assistente – Mas, se as pessoas perderem a fé...

Diretor – Se um dia o Messias regressar à Terra para anunciar que Deus Pai não existe...

Assistente – Que ele próprio anda com o moral pelas meias, sem acreditar em nada...

Diretor – E já nem sabe muito bem quem é...

Assistente – Talvez o filho de um dos Reis Magos...

Diretor – Sem saber exatamente de qual.

Assistente – Seria o fim do mundo...

Entra o Autor, de calções, com meias furadas e desemparelhadas. O Diretor e a Assistente ficam a olhar para ele.

Autor – Que foi? O que se passa...?

Diretor *(à Assistente)* – Isto não pode continuar.

Assistente – Evidentemente.

Diretor – Vá buscar o aparelho!

Assistente – Já vou...

Ela sai.

Diretor – Deite-se ali, meu caro...

Autor – Mas eu não estou doente, garanto-lhes... Sinto-me muito bem. Até acabei de reencontrar a minha mulher...

Diretor – Vai correr tudo bem, verá...

O Autor, apreensivo, deita-se sobre o balcão. A Assistente regressa com um dos detetores de metais e entrega-o ao Diretor, que o passa pelo corpo do Autor, começando pelos pés.

Assistente – Então?

Diretor – Para já, posso dizer-lhe que tem as meias desemparelhadas...

Assistente – Não é bom sinal... E depois?

O Diretor aproxima o detetor da mão do Autor.

Diretor – E que tem uma aliança na mão esquerda.

Assistente – Acaba de nos dizer que reencontrou a mulher.

Diretor – Acha que ele está a mentir?

Assistente – Mesmo que se lembre de que é casado, isso não significa que tenha recuperado a fé na instituição do casamento.

O Diretor passa o detetor junto à cabeça do Autor.

Diretor – E este aparelho, apesar de tão sensível, não deteta vestígios de qualquer valor moral ou verdade eterna neste cérebro doente.

Assistente – Afinal, o ofício de um autor é inventar histórias...

Diretor – Não deve ser fácil distinguir a verdade da mentira numa cabeça destas...

Assistente – Se calhar, aquilo que inventa é a coisa mais verdadeira que lá tem...

Diretor – Espere... Acho que ouvi um apito.

Assistente *(ao Autor)* – Abra a boca... *(Ele abre a boca e ela inclina-se para espreitar.)* É um dente de ouro...

Diretor – Já pode fechar a boca.

O Autor fecha bruscamente a boca. A Assistente dá um salto para trás, levando a mão ao nariz.

Assistente – Podia ter-me avisado! Por pouco não me arrancava o nariz!

Diretor – Desculpe, eu...

Assistente – E agora, que fazemos com ele?

Diretor – Não temos alternativa... Temos de neutralizar este elemento subversivo, que espezinha todos os nossos valores e desmoraliza os internos desta nobre instituição.

Assistente – Acha?

Diretor – Não saia daqui, meu amigo...

O Diretor e a Assistente saem. O Autor levanta-se.

Autor *(ao público)* – Ao que parece, eu sou o autor. Conseguem acreditar? Bem, o autor... A personagem do autor, nesta peça. Porque o verdadeiro autor... Esse, como devem calcular, não está aqui. E será que existe sequer? De qualquer maneira, nunca ninguém o viu por estas bandas. Por isso escolheram-me a mim para fazer o papel. Mas eu não conheço esta peça! Devia dar algum sentido a esta história sem pés nem cabeça. Devia soprar as falas aos outros. E, como não sou capaz... ainda me censuram! Ora, eu não pedi nada disto! Por que razão, entre todos os homens, me escolheram a mim para ser Deus? Deus não existe! Bem, existe, mas... fomos nós que o inventámos. Para nos consolarmos. Para dar um pouco de sentido a este absurdo. E não é nada fácil... Porque, na verdade, o Homem continua prisioneiro deste invólucro de carne, que é simultaneamente abrigo e prisão. Só consegue entrever o Universo pelas estreitas frestas deste sarcófago espaço-temporal, enterrado no fundo de um labirinto, dentro de uma pirâmide sem janelas. Foi essa visão limitada do mundo que o levou a conceber religiões à sua medida, a colocar a questão ingénua das origens, de um começo, de uma criação a partir do nada, de um criador e, portanto, de um deus. À procura de uma resposta simples para uma questão que o ultrapassa, o Homem prefere agarrar-se à única pergunta que consegue formular, mas que não tem sentido — quem criou aquilo que sempre existiu? — em vez de admitir que a parte nunca poderá compreender o todo. Quer explicar a origem e a finalidade do Universo segundo os limites da sua própria existência, com um princípio e um fim, esquecendo-se de que a vida e a morte se sucedem num ciclo perpétuo. Se a eternidade não tem fim, como poderia ter princípio? Se nada se cria e tudo se transforma, como poderia o todo nascer do nada? Na ilusão de compreender o mundo, o Homem recria-o à sua imagem. Mas o Homem nunca poderá compreender o mundo. É o mundo que o compreende a ele. Não foi Deus que criou o Universo. Foi o Homem que criou este mito para dar sentido à própria vida. Agarra-se a ele como um náufrago a uma tábua de salvação. Mas, quando a criação se afunda no oceano do absurdo, o criador afoga-se com ela.

A Atriz regressa, ainda com a mala.

Atriz – Jesus! És tu?

Autor – Jesus?

Atriz – Quando nos conhecemos chamavas-te Jesus. Já não te lembras?

Autor – Não.

Atriz – Acabei de me lembrar. Nessa altura tinhas barba, como eu...

Autor – Seja como for, tens de me ajudar. Acho que esta gente quer acabar comigo...

Atriz – Ajudar-te? Como?

Autor – Tirando-me daqui, o mais depressa possível!

Atriz – Infelizmente, quem entra aqui nunca mais sai. A não ser de pés para a frente.

Autor – Mas onde estamos, afinal?

Atriz – As opiniões divergem. Mas a maioria das pessoas sensatas concorda em chamar a isto um manicómio.

Autor – E tu também estás internada?

Atriz – Por enquanto estou só de visita.

Autor – Tem de haver uma maneira de fugir...

Atriz – Infelizmente, têm olhos em toda a parte. Só se fosse dentro da minha mala...

O Autor olha para a mala.

Autor – Para caber aí dentro teria de ser contorcionista...

Atriz – Ou um gato. Sabes que no antigo Egito...

Autor – Sim, eu sei, supostamente fui eu que escrevi a peça... Mas aí vêm eles. Não podemos ficar aqui, Madalena...

Ela sai.

O Diretor regressa, ainda de batina, com a Assistente de uniforme militar e um penso no nariz. Ambos trazem um ar grave.

Diretor – Infelizmente, depois de uma longa deliberação...

Autor – Mas só saíram daqui há cinco minutos!

Assistente – Concluímos que não podemos permitir que semeie a dúvida entre os fiéis da nossa santa congregação.

Diretor – Porque, se só a fé nos salva, então a dúvida pode precipitar-nos a todos no abismo do absurdo, à beira do qual tentamos sobreviver agarrados a algumas certezas elementares.

Assistente – Como o valor do trabalho e do dinheiro.

Diretor – A taxa de crescimento e a cotação do Nasdaq.

Assistente – A confiança das famílias e o casamento monogâmico.

Diretor – O moral das tropas e as fronteiras reconhecidas pela ONU.

Assistente – Todos esses valores que o senhor espezinha sem vergonha...

Diretor – E nós que tínhamos tantas esperanças em si...

Assistente – Seja como for, precisamos de um bode expiatório. E o seu destino está traçado.

Autor – O meu destino?

Diretor – Já proferimos a sentença, com execução imediata. Terá de aceitar o sacrifício supremo.

Assistente – Mas não somos monstros. Vamos organizar uma pequena cerimónia, para dar um ar solene à coisa.

Diretor – E, depois de morrer, celebraremos a sua memória todos os domingos. Prometemos.

Assistente – Todos os domingos, quer dizer, todos os dias. Porque aqui é sempre domingo.

Diretor – Diria até que é Natal todos os dias.

Assistente – Ergueremos uma estátua em sua honra. Organizaremos peregrinações.

Diretor – E até poderá fazer um milagre de vez em quando, se lhe apetecer.

Assistente – Naturalmente, também tem direito a confessar-se antes de entregar a alma a... ao seu sucessor.

O Diretor coloca-se de um lado do balcão e o Autor do outro. A Assistente sai, batendo os calcanhares.

Diretor – Chegou a hora de confessar as suas faltas e expiar os seus pecados. Estou a ouvi-lo. Vai ver que fica mais aliviado.

Autor – A dúvida não me larga, confesso.

Diretor – Eu próprio às vezes duvido, sabe? Mas eu não sou Deus... E não se costuma dizer que a fé move montanhas?

Autor – A fé move montanhas... mas substitui-as por pirâmides.

Diretor – Pirâmides? Só conheço as do Egito e a Esfinge que as guarda. Sabe, aquele grande felino a quem falta o nariz. Aliás, há pouco esteve quase a arrancar o nariz à minha assistente...

Autor – Refiro-me aos esquemas em pirâmide usados pelos maiores vigaristas da finança para roubar as suas vítimas. O burlão promete rendimentos fabulosos e fica com o dinheiro dos investidores mais ingénuos, pagando juros aos primeiros com o dinheiro dos novos.

Diretor – E... resulta?

Autor – Na perfeição! Desde que todos acreditem e o número de investidores cresça exponencialmente. Ou seja, desde que a pirâmide alargue a base depressa o suficiente para satisfazer os interesses de quem está no topo. O sistema desmorona-se quando surge a dúvida e deixam de entrar novos fundos em quantidade suficiente.

Diretor – E então a pirâmide desaba...

Autor – A religião assenta no mesmo princípio. Mas, como ninguém regressará do além para dizer que o paraíso e o inferno só existem na Terra e que não há mais Deus no Céu do que cá em baixo, enquanto houver quem acredite, a fraude pode durar eternamente. E os burlões nunca são desmascarados.

Diretor – Está a comparar o nosso Papa a um burlão?

Autor – Ao maior burlão de todos os tempos! Veja as riquezas acumuladas no Vaticano...

Diretor – Mas então porque é que as pessoas continuam a acreditar em Deus?

Autor – Multimilionários formados nas melhores universidades confiam a fortuna a um burlão que lhes promete lucros milagrosos, na esperança de acrescentarem uns milhões de que não precisam. Como não haviam os deserdados deste mundo de acreditar nas histórias de quem lhes promete o paraíso depois da morte para os dissuadir de reclamar, cá na Terra, o mínimo para viver? Sobretudo quando tantos exploradores têm interesse em manter o sistema, porque lucram com ele.

Diretor – Mas isso é monstruoso...

Autor – Nem imagina quanto... Quando se cria um monstro, ele acaba sempre por escapar ao criador e devorar tudo à sua passagem... Até quem o criou. Chega uma altura em que o sistema funciona sozinho, se impõe a todos e arrasta o planeta inteiro para a ruína.

Diretor – Mas como podemos travar esta máquina infernal...?

Autor – Pôr tudo em dúvida já é um saudável ato de rebelião. Para que amanhã as pirâmides nos sirvam de trampolim para as estrelas, em vez de túmulos sem janelas.

Entra a Assistente.

Assistente – Então? Já confessou?

Diretor – É que... A dúvida também não me larga...

Assistente – Estou a ver que já o contagiou... Apliquemos a sentença sem demora, antes que o desânimo se apodere de todos!

Autor – Mas de que crime sou acusado?

Assistente – De ateísmo!

Autor – Mas dizem que eu sou Deus...

Assistente – Isso só agrava a sua situação.

Diretor – Já nem acredita em si próprio!

Assistente – Pusemos o nosso destino nas suas mãos e o senhor voltou a trair a nossa confiança!

Diretor – E, por outro lado, é verdade que... a primeira religião do mundo se funda num deicídio, não é?

Assistente – Inventámos os deuses para preencher o vazio que nos rodeia para lá das nossas muralhas interiores. Na esperança de entrever algo pelas fendas... E agora diz-nos que do outro lado não há nada senão o reverso da moeda?

Diretor – Que Deus joga à moeda ao ar?

Assistente – Que o universo se gera a si próprio num ciclo sem princípio, nem fim, nem finalidade, apenas para realizar a infinidade dos possíveis?

Diretor – Tanto o melhor dos mundos como o pior...

Autor – Na verdade, os deuses, tal como os autores, realizam-se explorando todas as suas possibilidades.

Assistente – Por isso, quando esgotam a imaginação, devem desaparecer e dar lugar a outros, capazes de explorar novas realidades.

Diretor – Está a ver? É por uma boa causa! Reconheça que já estava no fim da linha, não estava?

Assistente – Volte agora para a sua cela. Tome, a chave. E não se esqueça de fechar a porta ao sair.

O Autor sai.

Diretor – Não receia que fuja?

Assistente – Para onde havia de ir?

Diretor – Pois é...

Assistente – Executamo-lo amanhã ao amanhecer.

Diretor – Porque não agora?

Assistente – Não sei. As execuções são sempre ao amanhecer, não são?

Diretor – Tem razão... É melhor respeitar a tradição. Que dia é amanhã?

Assistente – Domingo.

Diretor – Aos domingos não há nada que fazer. Uma execução sempre entretém os nossos internos.

Assistente – Então, descansemos um pouco. Amanhã teremos de arranjar um substituto.

Diretor – E porque não um gato?

Assistente – Um gato?

Diretor – Sabia que no antigo Egito os gatos eram considerados animais sagrados?

Assistente – Até os faraós veneravam uma deusa com cabeça de felino.

Diretor – E os gatos, pelo menos, já estão convencidos de que são deuses.

Assistente – Ao contrário deste autor degenerado, que começou a duvidar de si próprio.

Diretor – Conhece aquela anedota? Um cão e um gato apresentam-se a São Pedro, à porta do Paraíso. O cão confessa os pecados, jura que está arrependido e implora perdão. São Pedro volta-se para o gato, para ouvir a sua defesa. O gato olha para São Pedro, sentado no trono, e diz, muito altivo: «Estás sentado no meu lugar.»

Assistente – É verdade que os felinos têm uma certa vocação para a divindade...

Diretor – O leão é o rei da selva. Embora viva na savana...

Assistente – Infelizmente, sou alérgica ao pelo de gato.

Diretor – Escolhemos um gato sem pelo!

Assistente – Um gato sem pelo?

Diretor – Chama-se sphynx. É uma raça originária do México.

Assistente – O que nos traz de volta às pirâmides... e àquele gatarrão que ficou sem nariz.

A Atriz regressa com uma máscara de gato, trazendo a mala.

Atriz – O gato morreu... Mas ressuscitou...

Olham para ela, perplexos.

Atriz *(à parte, para a mala)* – Estás bem aí dentro?

Diretor – Muito bem. Que seja um gato...

A Atriz sai e eles seguem-na. Uma pausa. A Atriz regressa com a mala.

Atriz – Eu bem te disse. Quem entra aqui nunca mais sai.

Pousa a mala no chão e tira de lá uma toalha com que cobre o balcão, agora transformado em altar. Na parte visível da toalha vê-se um Olho de Hórus. Tira da mala uma estatueta egípcia de um gato divinizado e coloca-a ao centro do altar. Vira o quadro, que agora a representa a ela, com a máscara de gato, tendo pirâmides como fundo. Sai com a mala. O Diretor e a Assistente regressam vestidos de faraó e faraona, colocam-se um de cada lado do balcão e voltam-se para o público.

Diretor – Vá, temos de acreditar!

Assistente – Mantenhamos a fé!

Ajoelham-se de mãos postas, em atitude de recolhimento. Música sacra. Miados de gatos. Escuro. **Fim.**

O autor

Nascido em 1955 em Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começou como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Foi depois argumentista de televisão e regressou ao palco como dramaturgo.

Escreveu cerca de uma centena de guiões para televisão e cerca de 120 comédias para teatro, algumas das quais já se tornaram clássicas (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*). É hoje um dos autores contemporâneos mais representados em França e nos países francófonos. Além disso, várias das suas peças, traduzidas para espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

No entanto, os direitos de representação, que constituem uma remuneração justa pelo trabalho do autor, são uma obrigação legal. Quer se trate de uma companhia amadora ou profissional, é necessário solicitar autorização para representar a peça e pagar os respetivos direitos de autor relativos à produção.

Jean-Pierre Martinez é representado pela Sociedade Francesa de Autores (SACD).

Para entrar em contacto com Jean-Pierre Martinez e solicitar autorização para representar uma das suas obras, utilize o formulário de contacto disponível nos seus sites :

https://jeanpierremartinez.net/
https://comediatheque.net/

Depois de ter iniciado o seu percurso como baterista, Jean-Pierre Martinez regressou recentemente à música, criando canções originais inspiradas nos seus poemas e nas suas peças de teatro.

Com Jean-Pierre Martinez Music, prolonga esse universo sob a forma de canções originais: narrativas breves, humorísticas ou melancólicas, nas quais a canção se torna, por vezes, uma pequena cena teatral.

https://jeanpierremartinezmusic.com/

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Arrependimento
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele
Encontro na plataforma EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
O Roupão
Os Náufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue
Roleta russa no Kremlin
Um Sonho de Casa
Uma Vocação Frustrada

Comédias para 3

Cartas na mesa
Coisas do Acaso
Crash Zone
Cuidado frágil
Horizontes
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem consequências
Um pequeno passo para uma mulher, um salto no vazio para a Humanidade…

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Déjà vu
Denominação de Origem não Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Despedida de Casados
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
Happy Hour
O amor é cego
O aquário
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Sogros Ideais
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Réquiem por um Stradivarius
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Um Sonho de Casa
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do Cemitério
Era uma vez na web
Flagrante delírio
Happy Hour
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Os Náufragos do Réveillon
Os Rebeldes
Prognóstico reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas
Um Boulevard Sem Saída

Comedias para 7 ou mais

A Aldeia Mais Bonita de França
A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
De legumes e livros
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Fora de jogo
Jogo de Escape
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
Nem sempre a música amansa...
Nicotina
O Jackpot
O reverso do cenário
O Sorteio do Presidente
Os Flamingos azuis
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Um Sonho de Casa
Uma aldeia tão bonita
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Sketches

A ratos
Albano e Eva
Apocalipse
Aviso de passagem
Breves de confinamento
Breves de palco
Breves do jardim
Breves do tempo perdido
Calma!
Cenas de rua
Corações Abertos
De Animais e Homens
De todas as cores
De verdade e de brincadeira
Demasiado é demasiado!
Dramédias
Ela e Ele
Em branco
Entre Bastidores
Histórias insólitas
Matadores de piadas
Memórias de uma mala
Morrer de Rir
Nicotina
O Balcão
Sem Sentido Proibido

Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser descarregadas gratuitamente nos seus sites
https://comediatheque.net
https://jeanpierremartinez.net/

Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.

Avinhão – Abril de 2024

© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-190-9

Documento para download gratuito